

## A tradição e a novidade da noção de “pecado ecológico”

Suzana Regina Moreira<sup>1</sup>

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a definição de pecado ecológico proposta no Documento Final do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Desde a publicação da encíclica *Laudato Si'* em 2015, o pontificado do Papa Francisco tem trazido a questão ecológica ao âmago da teologia e da prática pastoral da Igreja Católica. Tema aparentemente inusitado na história dos ensinamentos eclesiais, porém que ao ser revisitado com atenção demonstra suas raízes profundas na própria Tradição da Igreja. A discussão sobre o pecado ecológico surge como necessária diante da crise socioambiental em que vivemos e diante também do chamado do atual Sumo Pontífice à conversão ecológica. Trataremos aqui, portanto, de traçar os pontos principais da Tradição da Igreja em seu reconhecimento do maltrato ao ambiente como ofensa a Deus, para em seguida demonstrar de que forma o desenvolvimento da categoria ecológica do pecado apresenta-se como novidade para a Igreja.

Palavras-chave: pecado ecológico, Tradição da Igreja, ecoteologia, conversão ecológica, ecologia integral

### 1. Introdução

Desde a publicação da encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, sobre o cuidado com a casa comum, diversas críticas à apropriação de noções ecológicas para discutir questões teológico-pastorais se apresentaram e ganharam uma força ainda maior com a convocação e realização do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Uma das contestações é a afirmação de certos membros da alta cúria romana de que o chamado do Papa Francisco a uma conversão ecológica é uma heresia<sup>2</sup>. O Documento Final do Sínodo, contudo, avançando sobre as

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral PUC-Rio, bolsista CAPES/PROSUC.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, as afirmações do Cardeal Müller contra o *Instrumentum Laboris* do Sínodo: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590812-cardeal-mueller-documento-vaticano-sobre-a-amazonia-contem-heresia-e-estupidez-nao-tem-nada-a-ver-com-o-cristianismo>.

bases lançadas pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*, atentou-se à necessidade de definir o que compreende por pecado ecológico. A lógica deveria ser evidente: se o Sumo Pontífice convida toda a Igreja à conversão ecológica, é preciso antes entender o que seria o pecado ecológico para poder converter-se.

Chama-nos a atenção o fato de que a exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco buscou legitimar o documento final do Sínodo. O costume até então era de que a exortação apostólica estabelecesse “o que fica e o que sai” de tudo que fora discutido pelos padres sinodais. No entanto, o atual Pontífice, mantendo-se fiel à sua proposta pastoral-ecclesial de sinodalidade, reconheceu a contradição que seria ele querer estipular as definições finais dos frutos do Sínodo e, conseqüentemente, em um gesto sem precedentes, oficializou o próprio documento final:

(...) quero apresentar de maneira oficial o citado Documento, que nos oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente. Nesta Exortação, preferi não citar o Documento, convidando a lê-lo integralmente. (Francisco, 2020: n. 3)

Trataremos de refletir aqui, então, sobre a problemática do pecado ecológico. Se ainda há uma falta de compreensão sobre a conversão ecológica, esta falta se dá pela ignorância do pecado contra a Criação. Primeiramente faremos um traçado sobre a Tradição bíblica, patrística, dogmática e pontifícia sobre a relação entre a fé cristã e a natureza. Em seguida, será demonstrado em que sentido a noção de pecado ecológico é uma novidade em relação à Tradição que já reconhecia o dano à Criação como ofensa a Deus. Por último, faremos algumas considerações finais diante da necessidade de se discutir o pecado ecológico hoje em dia quando a crise socioambiental é tão evidente e cada vez mais severa.

## 2. Tradição

Para refletirmos sobre a noção de pecado ecológico, é preciso recordar a definição de pecado apresentada pela Igreja Católica e as ramificações de sua compreensão. Não temos a intenção de realizar um percurso histórico da conceituação de pecado, mas apenas pontuar o

entendimento atual da Igreja e sua relação com a ecologia. É importante clarificar que aqui trabalhamos com a noção de Tradição em chave de leitura integral: a tradição bíblica, patrística, dogmática, magisterial, pontifícia, histórica e doutrinária. Partiremos do embasamento magisterial, e o fundamentaremos com a tradição bíblica, patrística e pontifícia.

O Catecismo da Igreja Católica afirma que a definição do pecado é

uma falta contra a razão, a verdade, a reta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, por causa dum apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. (...) O pecado é uma ofensa a Deus (CIC, 1992: n.1849-1850).

Neste sentido, qualquer iniciativa humana, seja ação, intenção, seja pensamento e etc., que não esteja em sintonia com o amor intencionado e realizado por Deus em sua criação, fere o seu desígnio divino. Por esta razão, há uma multiplicidade de pecados diversificados em sua forma e objeto, podendo incluir, por exemplo, a falta de ação ou omissão diante de injustiças (cf. CIC, 1992: n.1853). Qualquer dano à realidade criada e querida por Deus é uma ofensa a Deus. Esta compreensão fica evidente ao refletirmos sobre o pecado das origens e suas consequências para a humanidade e o cosmos.

O ato criador divino estabeleceu a criação em comunhão, havendo assim uma interdependência das criaturas (cf. CIC, 1992: n.340). Toda a realidade criada e a diversidade de seres e complexidade do cosmos, foi criada para a ordem e harmonia que refletem a beleza infinita do Criador (cf. CIC, 1992: n.341). O ser humano é o ápice da criação, o único capaz de responder com liberdade e consciência ao amor de Deus e, portanto, chamado a “dominar” a natureza devido à sua capacidade de liberdade, porém dominar no sentido de guardar e manter a solidariedade entre todas as criaturas (cf. CIC, 1992: n.344). O pecado das origens é um rompimento com esta comunhão de interdependência e solidariedade do ser humano com Deus e com toda a criação, “*rompimento do laço profundo que une o homem a Deus*” (CIC, 1992: n.386).

Por esta razão a promessa da vida eterna se destina não apenas aos seres humanos, mas a toda a Criação para até que cheguem “os novos

céus e a nova terra” (cf. Ap 21,1). A Revelação cristã afirma a comunidade de destino do cosmos, ou seja do mundo natural, e da humanidade (cf. CIC, 1992: n.1046). É nesta chave de leitura que podemos compreender a profundidade da passagem da Carta aos Romanos 8, 19-23, na qual São Paulo afirma que todas as criaturas esperam ansiosa e esperançadamente a libertação da corrupção do pecado, gemendo na espera pela restauração da vida plena em Cristo. Assim como São Paulo se refere a Jesus Cristo como o Novo Adão, devemos lembrar da Nova Criação a partir de Sua Ressurreição – Nova Criação de todo o cosmos.

O pecado fere esta comunhão profunda das relações e inter-relações de todas as criaturas e da realidade criada como um todo. A restauração de todas as coisas será, portanto, a restauração da íntima ligação do ser humano com o universo inteiro (cf. LG, 1964: n.48; CIC, 1992: n.1047). Quando o ser humano falha em reconhecer-se como criatura dependente do Criador, sujeito às leis da criação e às normas morais do exercício da liberdade, cai na pretensão de fazer-se um deus (cf. CIC, 1992: n.396). É esta pretensão de soberba que define o orgulho como o início de todo pecado (cf. Eclo 10,15).

João Paulo II em seus diversos pronunciamentos sobre a ecologia, recordava repetidamente o egoísmo e a falta de respeito pela vida como as razões principais do devastamento das reservas naturais (cf. João Paulo II, 1990: n.15 e 2004). Trata-se de uma questão de ética e moral cristãs, razão pela qual este mesmo Pontífice também falava sobre o desenvolvimento de uma consciência ecológica (cf. João Paulo II, 1990: n.1). Assim também afirmava Bento XVI que “o respeito pelo ser humano e o respeito pela natureza são uma só coisa” devido à correspondência entre a criação e o Criador (Bento XVI, 2011).

A tradição patrística, dos Padres e Madres da Igreja, também já apontava para esta compreensão profunda da conexão entre a natureza e o ser humano. Agostinho<sup>3</sup> ressalta a semelhança entre as coisas criadas e o Criador, por corresponderem em sua essência e existência à própria ordem de quem Deus é em si (cf. Louth, 2001: 44). Hildegarda de

---

<sup>3</sup> Doutor da Igreja século IV-V.

Bingen<sup>4</sup> recorda o clamor de todas as criaturas diante da profanação da natureza devido à rebelião da humanidade contra Deus (cf. Schipperges, 1996: 56-57). Ambrósio<sup>5</sup>, comentando sobre o relato da Criação e o pecado das origens, recorda que onde há inimizade há também a discórdia e desejo de causar danos, meio pelo qual o mal se estabelece (cf. Louth, 2001: 90); logo, a inimizade da humanidade com a natureza dispõe a perpetuação do mal.

Este trajeto traçado até aqui demonstra que quando o tema da ecologia surgiu e passou a ser discutido nos âmbitos acadêmicos, civis e populares, os cristãos já tinham um histórico de tratar sobre o ambiente e a responsabilidade humana de cuidá-lo. Em vista disso, Paulo VI em 1984 chamava a atenção para discutir o tema sem medo: “Nós também devemos ser a favor da ‘ecologia’, tão falada hoje em dia” (Paulo VI, 1974, tradução nossa). O sumo pontífice reconhecia a dificuldade de certos membros da Igreja em abraçar a causa ecológica, devido a ressalvas provenientes de uma noção dualista que acreditava que este seria um tema do mundo secular e, portanto, não deveria ser discutido na Igreja. Contudo, Paulo VI recorda que “a ‘ecologia’ da nossa civilização não deve se envergonhar nem se esquecer que é cristã”, justamente devido à correspondência entre toda a realidade criada e o Criador (Paulo VI, 1972, tradução nossa). Para o cristão, falar de questões ecológicas remete ao núcleo da fé em Deus Criador.

### 3. Novidade

Bebendo das fontes bíblicas, patrísticas, magisteriais e pontifícias da Tradição da Igreja Católica, o Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, sensível ao esquecimento da sociedade à comunhão da humanidade com a natureza, percebeu a necessidade de criar-se a categoria teológica do pecado ecológico:

Propomos definir o pecado ecológico como uma ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade e o meio ambiente. É um pecado contra as gerações futuras e se manifesta em atos e hábitos de contaminação e destruição da harmonia do ambiente, em transgressões

---

<sup>4</sup> Doutora da Igreja século XII.

<sup>5</sup> Doutor da Igreja século IV.

contra os princípios da interdependência e na ruptura das redes de solidariedade entre as criaturas (cf. CIC, 1992: n.340-344) e contra a virtude da justiça. (Documento Final, 2019: n.82)

A proposta dos padres sinodais somente é possível de ser feita e de ser compreendida na chave de leitura da ecologia integral exposta pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*. Esta ecologia integral, ressoa as preocupações dos três pontífices anteriores de, ao tratar sobre a ecologia, não prescindir de uma ecologia espiritual, moral e humana.<sup>6</sup> O Papa Francisco, ao formular as questões de uma ecologia integral, recolhe e converge os ensinamentos de seus predecessores para lançar hoje uma proposta pastoral mais concreta e objetiva em relação ao chamado e responsabilidade cristã de cuidado com o dom da Criação. A definição de pecado ecológico no Documento Final do Sínodo Pan-Amazônico restaura essa mesma convicção de nosso atual Pontífice sobre uma visão integral da humanidade enquanto criatura em comunhão com as demais criaturas, recordando desta forma que todo e qualquer desrespeito ou rompimento com esta comunhão é uma ofensa a Deus.

O embasamento teológico desta chave de leitura da ecologia integral se encontra nas formulações da ecoteologia, área que surge no horizonte da Teologia no final da década de 60 e que vem sido desenvolvida de modo especial por Leonardo Boff, dentre outros que também influenciaram as reflexões presentes na *Laudato Si'*. Este teólogo brasileiro afirma que o pecado original ecológico “trata-se de uma dimensão ontológica que concerne ao ser humano, entendido como um nó de relações. Esse nó se encontra distorcido e viciado, prejudicando todos os tipos de relação.” (Boff, 2017: 108). Antes mesmo da convocação do Sínodo Pan-Amazônico, Boff já formulava as premissas para uma definição de pecado ecológico. Assim como vimos na Tradição, este teólogo evidencia que no processo de inimizade entre o

---

<sup>6</sup> Sobre ecologia moral, ver Paulo VI, *Udienza Generale*, 1971, disponível em <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1971/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19710331.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1971/documents/hf_p-vi_aud_19710331.html)>. Sobre ecologia humana, ver João Paulo II, *Centesimus Annus*, 1991, n.38-39. Sobre ecologia espiritual e humana, ver Bento XVI, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 2007, n. 8-11, disponível em <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20061208\\_xl-world-day-peace.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.html)>.

ser humano e a Terra, há culpa e pecado que se originam da pretensão e arrogância do ser humano se crer como um deus (cf. Gn 3,5; Boff, 2017: 111 e 2015: 133).

Papa Francisco em sua encíclica ecológica reforça repetidamente essa compreensão: “A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas” (Francisco, 2015: 66). Por esta razão, a crise ecológica na qual nos encontramos é “manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual” de uma humanidade que rompeu e esqueceu-se de todas as suas relações humanas fundamentais (Francisco, 2015: 119). Citando o Patriarca Bartolomeu de Constantinopla, que se destaca pela dedicação à reflexão cristã ecológica antes do Papa Francisco colocar este tema como central na Igreja Católica, a *Laudato Si'* reconhece que “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (Francisco, 2015: 8).

Deste modo, propondo a chave de leitura de uma ecologia integral, o Papa Francisco aponta para o caminho necessário da conversão ecológica. Esta conversão “implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia” (Francisco, 2015: 220). Na falta de gratidão e falta de reconhecimento do dom da Criação é onde se encontra a noção do pecado ecológico.

A novidade desta noção não está tanto na compreensão de que danificar e desrespeitar o ambiente é uma ofensa a Deus, mas na formulação categórica com seu embasamento na ecoteologia e na ecologia integral. Definir o que é pecado ecológico é um ato de reafirmar e evidenciar de uma vez por todas a própria tradição cristã católica de tratar sobre o cuidado com o ambiente e a profunda comunhão da humanidade com a natureza.

#### 4. Considerações finais

A tradição cristã e católica do reconhecimento da importância da natureza e sua íntima conexão com o ser humano e a salvação divina,

demonstram a pertinência de discutir-se a noção de pecado ecológico hoje em dia. Por sua vez, a urgência de uma resposta mais consciente à crise socioambiental devastadora que nos assola cada dia mais confirma a necessidade dos cristãos reconhecerem o pecado ecológico e entrarem em um processo de conversão ecológica.

Desde de que a ecologia passou a ser discutida e reconhecida dentro da Igreja Católica, trouxe diversos desafios para a reflexão teológica e pastoral. Para formular concretamente a missão cristã eclesial num mundo progressivamente espoliado pela avareza e pelo descaso humano é imprescindível conceber uma visão integral da realidade em que vivemos e pela qual sobrevivemos. Se nos esquecemos de nossa profunda conexão, interligação e inter-relação com todo o cosmos, é sinal de que nos esquecemos das próprias bases de nossa fé em Deus Criador. Seria farisaico pregar uma conversão a Deus deixando de lado a conversão ao amor e à responsabilidade para a qual Ele nos chama para cuidar da Sua obra divina da Criação.

Tratar sobre a noção de pecado ecológico não deveria causar espanto, pois o embasamento está todo fundamentado na Tradição integral da Igreja Católica. Se há danos à natureza, e a natureza é criada e querida por Deus, sendo assim reflexo de Sua própria beleza, estes danos são ofensas a Deus e, portanto, um pecado que exige conversão pessoal e exame de consciência. Contrário a certas críticas que surgiram durante o pontificado do Papa Francisco à sua encíclica *Laudato Si'*, o chamado à conversão ecológica, longe de ser uma heresia, é sinal de um entendimento basilar da fé no Deus Criador e sua promessa de salvação ao mundo.

#### 5. Questões para reflexão:

1. De que modo a noção de pecado ecológico confirma a Tradição da Igreja Católica?
2. Por que a necessidade de definir uma categoria ecológica para a noção de pecado?

#### 6. Referências Bibliográficas

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). Libreria Editrice Vaticana, 1992. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM (LG). Libreria Editrice Vaticana, 1964. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_196411\\_21\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_196411_21_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

DOCUMENTO FINAL do Sínodo para a Amazônia. Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, 2019. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>. Acesso em 15 de março de 2020.

BENTO XVI, Papa. *Discurso aos Estudantes e Professores Participantes num projeto promovido pela Fundação «Sorella Natura»*. Libreria Editrice Vaticana, 2011. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111128\\_sorella-natura.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111128_sorella-natura.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2020.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. *Ética e Espiritualidade: Como cuidar da casa comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Encíclica Laudato Si' pelo cuidado com a casa comum*. Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documen](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documen)

ts/papa-francesco\_esortazione-ap.\_20200202\_querida-amazonia.html>.  
Acesso em 15 de março de 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem para a celebração do XXIII Dia Mundial da Paz: Paz com Deus Criador, Paz com toda a Criação*. Libreria Editrice Vaticana, 1990. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem por ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade 2004 no Brasil*. Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2004/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20040225\\_fraternita.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2004/february/documents/hf_jp-ii_spe_20040225_fraternita.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

LOUTH, Andrew (ed.) *Ancient Christian commentary on Scripture*, Genesis 1-11. vol 1. Downers Grove: Intervarsity Press, 2001.

PAULO VI, Papa. *Angelus Domini*. Libreria Editrice Vaticana, 1972. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1972/documents/hf\\_p-vi\\_ang\\_19721208.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1972/documents/hf_p-vi_ang_19721208.html)>. Acesso em 15 de março de 2020.

PAULO VI, Papa. *Angelus Domini*. Libreria Editrice Vaticana, 1974. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1974/documents/hf\\_p-vi\\_ang\\_19740728.pdf](http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/angelus/1974/documents/hf_p-vi_ang_19740728.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2020.

SCHIPPERGES, Heinrich. *Hildegard of Bingen: Healing and the Nature of the Cosmos*. Princeton: M. Wiener, 1996.